

SUMÁRIO

COMPROMISSO E CIÊNCIAS SOCIAIS
(APRESENTAÇÃO DA 2ª EDIÇÃO), 11

APRESENTAÇÃO DA 1ª EDIÇÃO, 19

PREFÁCIO DA 1ª EDIÇÃO, 21

INTRODUÇÃO, 25

As intervenções planejadas e o mercado de terras:
de *posseiros* a *assentados*, 41

Sobre o trabalho de campo e a coleta de dados, 48

SITUAÇÃO DE ESTUDO, 55

Os primórdios: índios e castanhais, 56

A *fronteira* tardia, 68

A implantação do PAE e a criação do produtor *agroextrativista*, 86

Setting, 96

As apropriações sociais do espaço físico, 99

As narrativas do processo de ocupação, 115

ESTRATÉGIAS DE DESLOCAMENTO E ACESSO À TERRA, 137

As famílias da Maçaranduba, 141

Transações envolvendo *terras*, 145

Deslocamentos e condições de poupança, 153

As terras de herança, 168

Migrantes de segunda geração: constrição do mercado de terras e guinada às avessas das ocupações, 173

Dívidas, doenças, brigas, ameaças, mortes:
os deslocamentos (im)previsíveis, 181

“AQUI NO PARÁ NINGUÉM CASA”: ARRANJOS FAMILIARES E COMPOSIÇÃO DOS GRUPOS DOMÉSTICOS, 191

A entrada na terra e a casa na rua, 196

Pais, filhos, casamentos e crianças, 228

CONCLUSÃO, 257

REFERÊNCIAS, 265

COMPROMISSO E CIÊNCIAS SOCIAIS (APRESENTAÇÃO DA 2ª EDIÇÃO)

É com satisfação que apresento ao/à leitor/a a segunda edição de *O caminho do mundo: mobilidade espacial e condição camponesa em uma região da Amazônia Oriental*, 12 anos depois de esse desse livro ter sido publicado pela primeira vez. Naquela ocasião, o livro contou com o apoio do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense e dessa mesma editora pública universitária que agora também nos deu a honra de republicá-lo.

Hoje, em tempos de perseguição ao pensamento livre e crítico, por um lado, e, por outro, de ataques às ciências sociais, às universidades públicas e até mesmo aos livros como um todo, enquanto forma de registro e difusão do conhecimento, publicar essa nova edição impressa é uma realização significativa e que deve ser coletivamente celebrada.

Já fazia muito que a primeira edição estava esgotada e que aos interessados/as eu pouco podia oferecer além de fotocópias caseiras e, depois, digitalizações grosseiras. Este livro foi originalmente publicado quando ainda se implantavam os repositórios virtuais e as entregas de versões digitais das teses acadêmicas aos programas de pós-graduação. A dissertação de mestrado que deu origem à primeira edição do livro, por exemplo, foi entregue ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da UFF em cópias impressas, em 2006.

Contudo, é um texto que preserva atualidade, exatamente por conta das razões que já haviam sido elencadas por aqueles que avalizaram sua publicação em forma de livro antes. Mas, além disso, dado esse intervalo, creio que é necessário também fazer alguns breves comentários a título de contextualização metodológica, teórica e histórica dessa segunda edição para o/a leitor/a.

Em primeiro lugar, em termos de memória e deveres sociais do comprometimento acadêmico-científico, político e afetivo que um trabalho de pesquisa como esse implica ao longo dos anos. Isso é primordial no caso deste livro, em especial após os acontecimentos ocorridos nos anos seguintes aos que acompanhei durante essa etapa de pesquisa, e, particularmente, após os fatos ocorridos na região em que eu desenvolvi o trabalho de campo.

Desde 2008/2009, uma série de conflitos se acirraram e, em 24 de maio de 2011, a despeito das diversas denúncias que eles fizeram das ameaças que sofriam, Maria do Espírito Santo e José Cláudio Ribeiro da Silva foram assassinados em uma estrada do Projeto de Assentamento Agroextrativista Praia Alta/Piranheira. Devido ao seu protagonismo na criação do Projeto e da Associação local de pequenos produtores, assim como pela sua vinculação com os movimentos sociais da região, como era o caso do CNS e de diversos organismos de luta ambiental internacional, a morte do casal teve ampla repercussão, intensas campanhas de luta e atos de memória que são realizados todos os anos, tal como eu mesmo já presenciara desde o assassinato de Dorothy Stang e, ainda antes da minha chegada, de outros missionários e de diversos sindicalistas no sudeste do estado do Pará.

Nesse sentido, se antes essa região específica em que eu estava era estudada a partir da análise das mais variadas intervenções planejadas, em seguida ela também viria a se referenciar dentre as mais citadas para o acompanhamento dos conflitos no campo, ao menos até a mais recente chacina de dez camponeses no município de Pau D'Arco, exatos seis anos depois de Maria e José Cláudio.

Em geral, questões de ordem política mais ampla ou mesmo as condições sociais de intervenção para a militância de intervenção transformadora não foram meu objeto de estudo. Também não são exatamente essas questões a que eu me refiro aqui. Ainda que eu refletisse e reflita sobre elas a partir do espectro

político da esquerda revolucionária, não as privilegio para publicar nesse momento.¹

O que ressalto, em primeiro lugar, é uma forma de comprometimento que advém desse trabalho para o pesquisador, considerando que, por exemplo, tanto os comprometimentos políticos quanto os comprometimentos científicos envolvem redes e esferas de relações com dinâmicas sociais distintas, ainda que possam ou não se confundir ao longo do tempo e dos espaços sociais de circulação dos agentes.

Uma investigação de observação etnográfica instaura e - a depender do/a pesquisador/a e das condições sociais com que ele/ela se depara pessoalmente ao longo dos anos - faz perdurar comprometimentos pessoais contraídos em pesquisa de campo que se renovam de acordo com os laços afetivos que se acumulam por conta dos mais variados fatos que lhes são significativos: crescimento dos filhos, casamentos, adoecimentos, mortes, nascimentos, separações, recasamentos, crises financeiras, mudanças profissionais, desemprego, ligações telefônicas, visitas, discórdias, familiaridades, conversas, enfim, convivialidades e confidencialidades em geral cujo teor, quando registrado pelo pesquisador, já não estará no estado bruto da informação social tal qual pessoalmente estava situada. Como esses comprometimentos foram contraídos de acordo com o universo de relações que os compõe cotidianamente, é só a partir desse plano, também, que eles se desenvolvem e não, necessariamente, de acordo com os prestígios sociais dos comprometimentos políticos e a dinâmica dos interesses científicos do objeto de estudo sociológico do pesquisador. Sendo assim, o desenvolvimento

¹ Cabe, porém, mencionar que, seja por militância ou seja por interesse profissional ou acadêmico, o/a pesquisador/a que aborda essas questões encontrará alguma informação etnográfica no livro. Em especial, se esse pesquisador/a busca pensar nas necessárias mediações da intervenção social baseada nos programas de transformação, caracterizados pelo embate de ideias em esferas militantes, e as condições sociais de adesão e sucesso desses programas entre esferas não militantes, vistas pelos primeiros como agentes em potencial da ação transformadora desejada. Há alguma informação, especificamente, para aqueles que têm particular atenção para a compreensão do cotidiano e, por conseguinte, das condições de intervenção e de ação política dentre a fração economicamente empobrecida dos trabalhadores e pequenos produtores rurais na Amazônia brasileira, que, tal como em outros contextos, defronta-se estruturalmente com mecanismos violentos de reprodução das desigualdades de classe e de imposição da ordem social.

dessas relações traz as intempéries corriqueiras do desenvolvimento das relações socioafetivas de longo prazo mantidas pelo pesquisador. E a pesquisa também insere novos compromettimentos políticos e interesses científicos para os pesquisadores ou, por outro lado, quando é o caso, interrompe ou aprofunda os anteriores.

Em segundo lugar, cabe observar explicitamente para o/a leitor/a a qual contexto e a qual debate teórico e metodológico este livro se refere. Isso porque tal referência faz com que um exercício de atualização histórica dos fatos aqui registrados, por exemplo, não seja algo imperiosamente necessário para a compreensão das teses e do conhecimento registrado neste livro, ainda que, obviamente, seja objeto cientificamente interessante e que eu mesmo ou outro/a colega possamos vir a nos dedicar oportunamente.

Nesse sentido, fiz a opção de não alterar o texto original publicado e, também, de não inserir relato histórico comparativo mais recente após aproximadamente 15 anos dos registros sobre os quais me debrucei. Há, de fato, uma série de mudanças de que eu tomei nota e que poderiam ser analisadas nesse aspecto, como é o caso, por exemplo, da processualidade dos conflitos dos anos seguintes, dos impactos sociais da implantação da luz elétrica, do atual acesso precário à rede de telefonia em algumas localidades do Projeto de Assentamento, da alternância política nas posições de governo municipal, estadual e federal e da formação escolar secundária ou superior de algumas pessoas com quem eu conversara, ou de seus filhos e filhas.

Mas é necessário ressaltar que o livro, ao situar rigorosamente os fatos observados historicamente e de não tomá-los no presente já ao longo da maneira que os expus naquela ocasião, tem uma narrativa hermeticamente desenvolvida e os apresenta, como frisei, a partir desse modo de exposição pelo qual optei, enquanto uma contribuição crítica a um debate teórico e metodológico da literatura sociológica brasileira.

O relato positivo dos fatos que eu mesmo registrei, assim como o tratamento rigoroso que eu assumi para a análise da sua construção e, por fim, a análise da contribuição propriamente

dita que eu realizei não estão nos próprios fatos empíricos que possibilitaram essa construção. Ou seja, essa contribuição não caduca sua cientificidade necessariamente pela mudança exatamente desses mesmos fatos que foram concretamente pensados.

O rigor sociológico conscientemente assumido após meus primeiros anos de formação científica e na pesquisa que deu origem ao livro estava, portanto, mais na perspectiva de um trabalho científico do que de um trabalho investigativo politicamente enviesado para fins de intervenção política direta e imediata. E, por outro lado, também não estava no campo de pensamento positivista idealista - e, a nosso ver, romanticamente enviesado - da narrativa que se baseia na desejada possibilidade de neutralização ou irrelevância sociológica do sujeito de conhecimento. Ao construir e analisar os dados e, depois, ao expô-los etnograficamente, essas distintas objetivações já se encontram subsumidas no texto a partir da literatura que tomo como referência. O/A leitor/a pode acompanhá-las, por exemplo, na análise que eu fiz das narrativas em disputa sobre o processo de ocupação da localidade e na análise das intervenções baseadas sobre a categoria agroextrativismo no primeiro capítulo, assim como, depois, nas condições sociais de formação e do manejo social das habilidades discursivas a que os camponeses estavam sujeitos ao falar sobre a sua própria “vida”.

Além disso, afora outras referências implícitas, esta pesquisa teve como referência os estudos de campesinato realizados nos anos 1970 e 1980 e, mesmo reconhecidamente limitada pelo fato de ser ainda muito prematura e estar em um nível de desenvolvimento possível àquela época para uma investigação advinda de um mestrado, buscou avançar metodologicamente em uma alternativa crítica das abordagens populistas da mobilidade espacial adjetivada “camponesa” nessa literatura. Abordagens essas, inclusive, que já tinham excelentes desenvolvimentos tanto em uma vertente de tipo ideológica, com pesquisas de inestimável contribuição, como as realizadas por Klaas e Ellen Woortmann, quanto em uma outra vertente, metodológica, como era o caso, dentre outras, da memorável pesquisa realizada por Afrânio Garcia Jr. Em seguida, retroalimentado

pelas reflexões metodológicas realizadas nessa direção crítica e pelas próprias descobertas das investigações de campo, o horizonte intelectual da pesquisa terminou exigindo novos desenvolvimentos teóricos e um diálogo mais sistemático com outros campos de conhecimento também, como foi o caso dos chamados estudos de população e de migração, dos estudos urbanos e dos estudos do trabalho, todos esses, por questões inerentes à política acadêmica e à divisão do trabalho científico, muitas vezes recortados disciplinarmente e nem sempre em conexão após as primeiras décadas dessas segmentações do conhecimento. Tal como este livro já indicava nas suas últimas páginas, acompanhar as questões ali abordadas junto aos trabalhadores “no mundo”, a partir de outras situações de estudo e de novas etapas de produção de dados, acabou sendo também o aprofundamento e a continuidade da perspectiva teórica e metodológica que foi necessária para essa primeira etapa.

Em terceiro lugar, por conta disso, sugiro ao leitor observar o desenvolvimento científico da investigação dessas pistas e das reflexões filosóficas e teóricas que aprofundei a partir delas desde 2007. Fiz a opção de não inserir outro texto nesta edição, mas as etapas seguintes foram condensadas em *Mobilidade e superexploração do trabalho: o enigma da circulação*,² livro que as sintetiza e que também publiquei recentemente, junto a outros trabalhos voltados para alguns eventos acadêmicos no Brasil e no exterior.³

Dedico este livro à memória de Maria do Espírito Santo e José Claudio Ribeiro da Silva e dos demais militantes assassinados nas lutas sociais na última década no Brasil.

² Felix, Gil. *Mobilidade e superexploração do trabalho: o enigma da circulação*. Rio de Janeiro: FAPESP/Lamparina, 2019.

³ Tais como, dentre outros, em: Felix, G. “Frentes de expansão e superexploração do trabalho: questões teóricas e metodológicas”. X Congresso da Associação Latino-americana de Sociologia Rural, Montevideo, 25 a 30 de novembro de 2018.; Felix, G. “Aportes teóricos de Ruy Mauro Marini para as ciências sociais hoje”. XXXII Congresso da Associação Latino-americana de Sociologia, Lima, 01 a 06 de dezembro de 2019.; Felix, G. “Circulação mercantil da força-de-trabalho: questões etnográficas”. 43º Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciências Sociais, Caxambu, 21 a 25 de outubro de 2019.

A Laisa dos Santos, José Maria Sampaio e suas famílias, cuja confiança e amizade disse outrora que nunca terei condições de retribuir, também reforço outra vez meus mais sinceros e leais agradecimentos.

Por fim, mas não por último, expresso os meus agradecimentos aos editores e diretores da Editora da UFF, assim como ao Programa de Pós-graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), que nos apoiou para a realização desta nova edição. Espero que tal publicação venha a contribuir para as pesquisas dos colegas, assim como para a formação dos nossos estudantes na Unioeste, na Universidade Federal da Integração Latino-americana (Unila) - onde tive o prazer de lecionar nos últimos anos - e nas demais universidades e instituições de ensino e pesquisa brasileiras e do mundo lusófono de maneira geral.

A construção da argumentação do livro contou com os fragmentos de uma mesma obra, *Morte e vida Severina*, selecionados para cada parte do texto e, dessa vez ao avesso, no fim, porém, mais uma vez fortuita é a fala assistida pelo retirante de João Cabral de Melo Neto: “ — Já não levas semente viva:/teu corpo é a própria maniva.”

Agosto de 2020,
Gil Felix

APRESENTAÇÃO DA 1ª EDIÇÃO

No texto deste livro, de leitura altamente instigante, o autor retoma questões amplamente consideradas pela pesquisa em ciências sociais, todavia, mediante criatividade fundamentada em consistente reflexão teórica e metodológica. O autor revê e redefine temas como fluxos de migração e construção social de assentados, acenando o quanto ainda temos que investir na compreensão desses processos. Por uma densa pesquisa, baseada em longa, sistemática e atenta (intelectual e afetivamente) presença junto a um conjunto de assentados no sudeste paraense, Gil Almeida Félix e seus interlocutores comprazem-se em esticada e divertida reflexão, vivenciada em momentos de sociabilidade, encontro que permitiu a enumeração de tantos casos e percursos de vida, cuja análise assegura a este texto a qualidade de um exemplar exercício etnográfico.

O autor toma como base analítica a reflexão sobre os trajetos de migração, por ocasião das entrevistas de intenções relativamente anunciadas, até porque se fundamentavam, quando nada, na dignidade da imperiosa necessidade de se deslocar. Posteriormente refletidos, os deslocamentos se pautaram na sabedoria adquirida nessas viagens ou pela vida em deslocamento espacial. E demonstram então o complexo caminho de constituição de uma pequena poupança por trabalhadores rurais que vieram a se tornar assentados rurais, segundo o Plano Nacional de Reforma Agrária. Da avaliação a posteriori das pequenas alternativas vislumbradas pelos que empreenderam o longo deslocamento e as tomadas de posição diante delas, os itinerários percorridos por famílias advindas dos mais diferentes estados para o sudeste paraense correspondem a um ziguezague e a um troca-troca de objetos materiais, serviços, perspectivas, conhecimentos, sonhos e avaliações dos próprios empe-

nhos em se constituir na condição camponesa. Pelos itinerários, os trabalhadores entrevistados demonstram, na prática, o valor de um ethos de luta contra os constrangimentos de diversas ordens e da certeza da sabedoria popular: “cobra que não anda, não engole sapo”. Temos assim uma das formas de constituição de camponeses que, numa sociedade onde agentes dominantes insistentemente prenunciam seu fim, reafirmam a sabedoria dos ancestrais na mesma situação, a ponto de podermos pensar num campesinato, não das casas seculares e dos povoados de longas marcas do tempo, mas um campesinato de modelo, diria, papa-léngua. E é esta qualidade incompreendida, condenada pela acusação de “errância”, que Gil vem nos demonstrar como caráter exemplar dos que desejam a vida, dos que não perdem os sonhos.

Trata-se de leitura recomendada para pesquisadores, não só os voltados para os temas específicos tratados por Gil, mas todos que estão dotados de sensibilidade para admirar e se estimular intelectualmente por uma excelente etnografia. E muito mais ainda, de uma leitura para todo brasileiro que esteja dotado de sensibilidade para desejar conhecer meandros e percalços de parte de outros tantos, isto é, de brasileiros capazes de cruzar o território nacional pela crença de que “o mundo é grande e se aperta quem quer”.

Delma Pessanha Neves

Professora permanente do Programa de
Pós-Graduação em Antropologia, UFF

PREFÁCIO DA 1ª EDIÇÃO

Este livro de Gil Almeida Felix é uma expressão muito bem realizada do que de melhor se tem produzido na antropologia do Brasil; um excelente produto dessa antropologia, que demonstra a sua maturidade e o quanto a originalidade de um texto pode se apoiar num permanente diálogo com uma escola de pensamento. Realiza com maestria a vocação de colocar-se permanentemente do lado daqueles que estuda, num duplo movimento de objetividade e solidariedade que coloca em questão as versões oficiais da história e da política. E tudo isso respaldado em exemplar trabalho de campo.

O fato de apoiar-se num diálogo permanente com o que já foi produzido, inclusive na área a partir da qual se deu o seu estudo, permite transmitir uma sensação de acúmulo de conhecimento, mesmo que isso não se dê de forma linear. Impressão muito diferente daquela que se tinha quando na década de 60 do século passado, antropólogos do Museu Nacional de então, como Roberto DaMatta, Roque Laraia, Julio César Melatti e eu próprio nos embrenhamos pelas paragens do Tocantins paraense-maranhense-goiano (da época) sob a liderança a distância do nosso saudoso mestre, Roberto Cardoso de Oliveira. Para mim, pessoalmente, essa sensação de ser parte de uma mesma corrente é, ainda, reforçada por termos a nos unir – o autor e eu – a figura da querida amiga e colega, professora Delma Pessanha Neves.

Mas nem por tudo isso (ou mesmo por causa disso) deixa Gil de demonstrar a sua capacidade de olhar com novos olhos, o que lhe permite no diálogo ser crítico, autônomo e competente para atualizar o nosso conhecimento, seguidamente de modo surpreendente e revelador. Inclusive para além dos limites geográficos que se impôs cautelosamente, ajudando-nos a ver o

mundo e o país a partir de onde ele se colocou; convencendo-nos, assim, da justeza da sua escolha e de se tratar de um lugar privilegiado que, em sendo trabalhado com todo o respeito que merece um objeto empírico, por isso mesmo leva-nos muito além.

Talvez o ponto mais importante para o qual Gil Felix nos chama a atenção seja a necessidade de reconhecer a existência de atores onde eles costumam ser negados, a demandar o seu reconhecimento como tais. Atores que possuem capacidade de agenciamento, e – ao contrário do que nos vem de parte considerável da produção antropológica euro-americana – sem que isso se oponha às estratégias e sujeitos de natureza coletiva. Agenciamento que visto “de fora” ganha características de práticas “irracionais”, como no caso dos deslocamentos espaciais dos camponeses aqui estudados, por “... não serem condizentes com o que preceituaria o bom senso burguês de pretensões universais ou [que] então ganham feições de uma perda infinita e cruel imposta a eles, os ‘sujeitados’ da história”. Sendo que nesse último caso – próximo do politicamente correto – por vezes baseando-se esse olhar numa dicotomia tão simples quão enganadora e empobrecedora entre uma intervenção planejada ingênua e uma dinâmica local inalterável. Suposição que por mais bem intencionada que seja, subestima “... a capacidade ... de elaboração e de construção de estratégias diante das condições de possibilidade constituídas em cada contexto social”; a capacidade, enfim, de aprender com a experiência e de se renovar enfrentando desafios. Diante até dos noticiários dos jornais, desnecessário se faz frisar a amplitude e a atualidade que essas constatações suscitam.

Mas tudo isso teria valor apenas especulativo se não estivesse alicerçado num trabalho de campo que redundava numa etnografia no sentido mais nobre da tradição antropológica. Gil reconstituiu passo a passo, cuidadosamente, as redes que esses agenciamentos organizam. Redes de amplitude em muitos casos nacional (e, em alguns, até internacional) que de passagem servem para pôr em questão dicotomias como a que opõe o “local” ao “global”. Fazendo lembrar, essas redes e agenciamentos, o quão marcadas pela herança colonialista e suas pretensões

universalistas estão as nossas representações, a ponto de constituírem verdadeiros pontos cegos quando nos colocamos na posição de mais realistas do que o rei (colonial).

O autor nos lembra que a realidade empírica sabe pregar suas peças. Como numa boa estória de detetive, o estímulo principal advindo deste livro vem do acompanhamento da narrativa, e de suas peripécias, que lida e relida mantém o frescor da descoberta e a sensação vivificante e reveladora da participação que, afinal, constitui o nosso ser no mundo.

Ilha de Paquetá, janeiro de 2008,

Otávio Velho